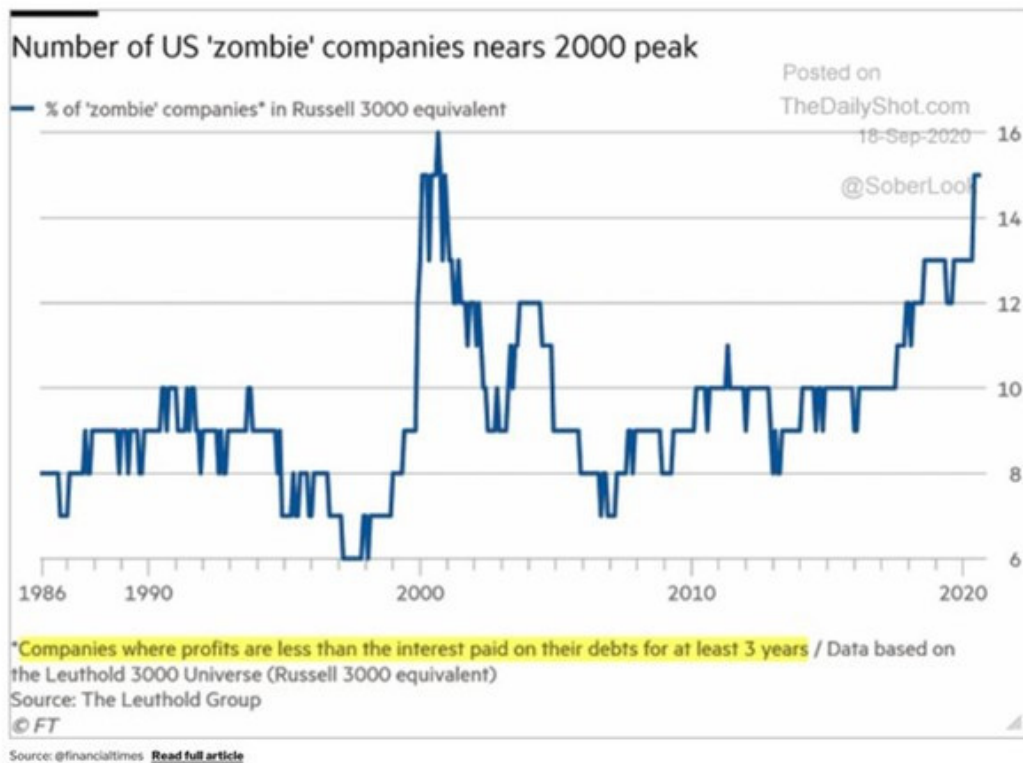


Trabalhar ou labutar arduamente na pandemia

Michael Roberts

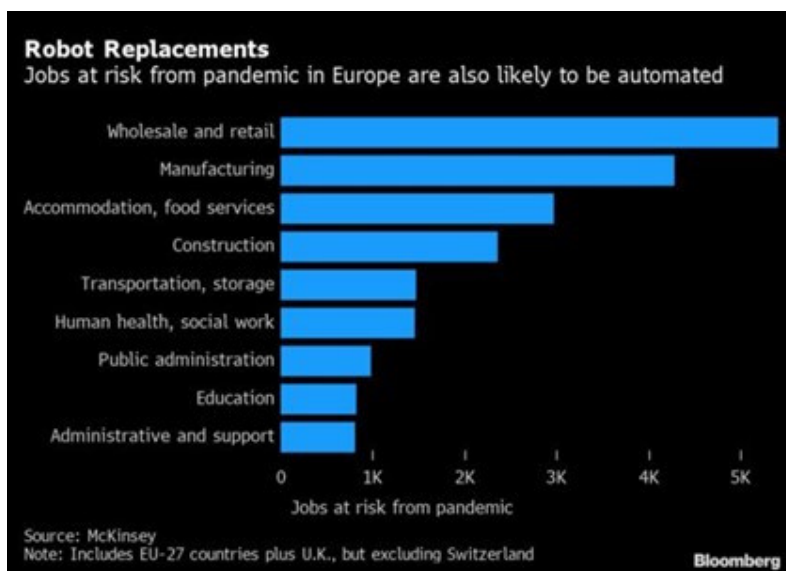
A pandemia abriu uma caixa de Pandora sobre o futuro do trabalho. A crise causou uma enorme perda de empregos, horas e ganhos, especialmente para aqueles que estão em todo o tipo de sectores de serviços, como retalho, entretenimento, lazer, eventos, preparação de alimentos etc. e está a levar ao limite milhares de pequenas empresas que sobrevivem com pequenas margens e com pesado endividamento contra.



Mas é mais do que isso. A recessão será e está a proporcionar uma oportunidade para as empresas, especialmente as grandes, se desfazerem de parte substancial da sua força de trabalho e substituí-la por máquinas, robôs, conectividade doméstica e algoritmos. O resultado é que haverá maior concentração de empresas em sectores, à medida que empresas maiores devoram os mercados das menores. É claro que esse não é um fenómeno novo, mas sim parte integrante das crises do capitalismo. Friedrich Engels detectou este processo já na década de 1840 na Inglaterra industrial: *“Os antigos extractos inferiores da classe média - os pequenos comerciantes, lojistas, os aposentados, os artesãos e os camponeses - tudo isso se afunda gradualmente no proletariado, em parte porque o seu diminuto capital não é suficiente para a escala em que a indústria moderna se desenvolve, e é afogado na competição com os grandes capitalistas, em parte porque as suas capacidades oficiais especializadas se tornam inúteis face aos novos métodos de produção”*.

A tão falada revolução na automação tende a descolar, pelo menos em alguns sectores de crescimento importante. Sob o capitalismo, o sistema de produção visando o lucro, isso não significará menos horas de trabalho para os empregados; trabalho mais interessante do que labuta básica; ou rendimento acrescido. Pelo contrário, a revolução da automação sob o capitalismo terá como objectivo reduzir a força de trabalho, aumentar as horas para os que ainda estão empregados e evitar que os salários aumentem - tudo para aumentar a lucratividade dos mais eficientes à custa dos menos eficientes.

Existem muitas previsões da perda de empregos à medida que robôs substituem trabalhadores. Os consultores de gestão, McKinsey, prevêem que a automação pode desalojar 53 milhões de postos só no continente europeu até 2030, o equivalente a cerca de 20% da força de trabalho actual. As maiores reduções de empregos serão no retalho, manufactura e serviços de alimentação e acomodação. E os mais atingidos serão aqueles que têm menos "especializações" e menos recebem.



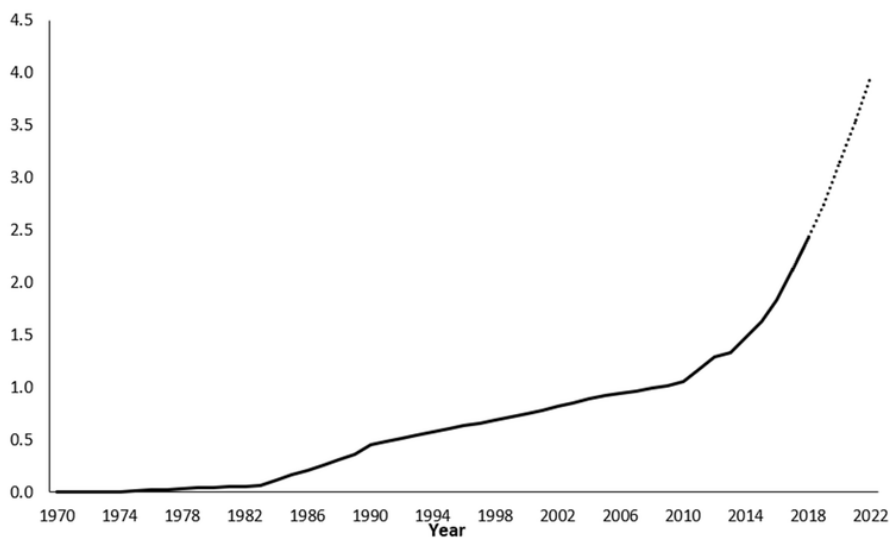
Novamente, não há nada de novo na história de o trabalho ser substituído por máquinas. É a essência do capitalismo industrial. A chamada "revolução industrial" do início do século XIX viu milhões de artesãos e artesãos qualificados substituídos por máquinas. Os salários reais estagnaram ou caíram mesmo à medida que os rendimentos dos artesãos desapareciam e os ganhos das novas indústrias iam para os seus proprietários. Engels observou esse resultado no seu brilhante livro, *The condition of the working class in England* (1844). Os industriais proprietários de máquinas ficaram "ricos com a miséria da massa de assalariados". Agora, a quebra resultante da pandemia está a criar as condições para a eliminação generalizada de empregos, como aconteceu naquele período após a crise da terceira década de 1800. A terceira década deste século poderia ver o mesmo.

No seu livro, Engels observou que a mecanização levou a uma queda na participação do trabalho no rendimento nacional, mesmo que alguns trabalhadores ganhassem empregos em

novas indústrias à medida que as antigas morriam. Este processo repetir-se-á nesta década pós-pandémica. Nos Estados Unidos, os salários dos homens de idade mais avançada com não mais do que um diploma de ensino médio vêm a cair desde 1980 e as taxas de participação na força de trabalho de homens entre 25 e 55 anos caíram paralelamente. Parte da razão foi a mudança para mão de obra feminina mais barata e a deslocalização da indústria manufactureira das economias capitalistas avançadas para o "sul global" para usar em fábricas modernas mão de obra ainda mais barata. Novamente, Engels observou essa tendência na industrialização da Inglaterra na década de 1840: *"quanto mais a indústria moderna se desenvolve, mais o trabalho dos homens é substituído pelo das mulheres e crianças ... Diferenças de idade e sexo deixam de ter validade social distintiva para a classe trabalhadora. Todos são instrumentos de trabalho, mais ou menos dispendiosos de usar, segundo a sua idade e o sexo"*.

Mas a mudança tecnológica de substituição da mão de obra também foi um dos principais motivos. As estimativas mostram que cada robô polivalente substituiu cerca de 3,3 postos de trabalho na economia dos EUA e reduziu os salários reais. E as previsões para a expansão da robotização na década de 2020 preveem um crescimento exponencial. O número de robôs industriais já aumentou num factor de três ao longo da última década, passando de pouco mais de um milhão de unidades operacionais em 2010 para uns projectados 3,15 milhões de unidades em 2020. Ao longo deste mesmo tempo, os robôs ter-se-iam se tornado capazes de substituir, ou mesmo superar, os humanos em muitas tarefas, como a produção de peças personalizadas e implantes médicos usando tecnologias de impressão 3D, diagnosticar doenças e auxiliar a tomada de decisões, por exemplo, por 'juízes robôs'.

A ascensão dos robôs: robôs em milhões de unidades

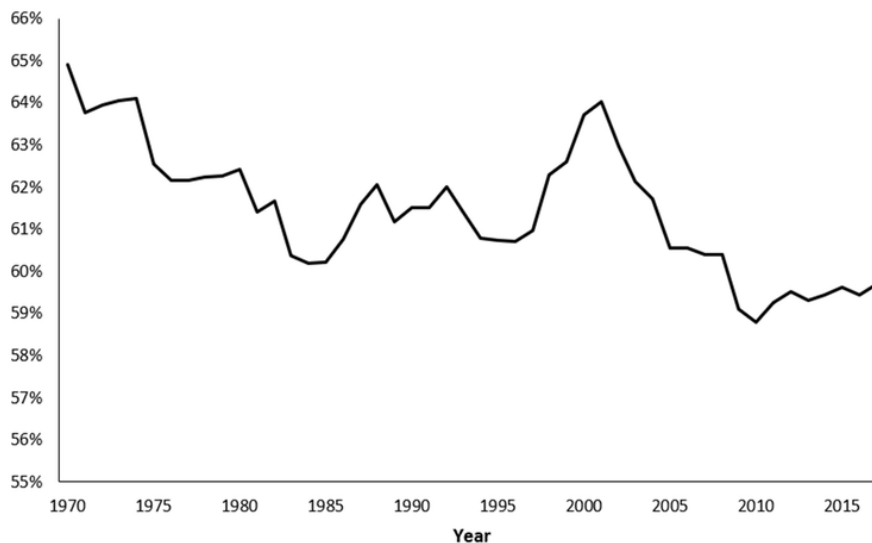


Tarefas rotineiras e requerendo baixa qualificação continuam a ser mais fáceis para os robôs executarem do que tarefas não rotineiras de alta qualificação. Isso implica que o aumento no número de robôs ou melhorias na sua produtividade tendem a afectar muito mais

adversamente os trabalhadores menos qualificados do que os trabalhadores altamente qualificados. Além disso, trabalhadores altamente qualificados tendem a especializar-se em tarefas às quais a automação é complementar, como o projecto e manutenção, supervisão e gestão de robôs. O impacto diferencial da automação implica que os salários dos trabalhadores pouco qualificados podem estagnar e até diminuir na presença da automação; exactamente como Engels constatou na década de 1840.

Quando os robôs constituem um substituto perfeito para o trabalho, trabalhadores e robôs competem directamente no mercado de trabalho, mantendo os salários baixos. Como consequência, a automação leva a uma queda na participação do trabalho no rendimento. Nos Estados Unidos, a participação do rendimento do trabalho nos sectores produtivos caiu durante os anos 1970, quando as empresas tentaram compensar a queda da lucratividade reduzindo a sua força de trabalho, possibilitada por duas grandes quebras em 1974-5 e 1980-2. A participação da mão-de-obra estabilizou a um nível inferior durante as décadas de 1980 e 1990, à medida que a lucratividade das empresas melhorou de algum modo no período neoliberal. Claramente, houve outros factores além da mecanização que levaram a uma queda na participação do trabalho (destruição dos sindicatos, congelamento de salários etc.), mas estima-se que da queda de 3% na participação do trabalho entre os anos 1990 e 2010, cerca de 1 ponto % pode ser colocado à porta da automação.

Participação do trabalho no PIB dos EUA (%)



Mas, como Engels também observou, a mecanização funciona em dois sentidos. Por um lado, a introdução de novas máquinas ou tecnologia levará à perda de empregos para os trabalhadores que usam tecnologia ultrapassada. Por outro lado, as novas indústrias e técnicas podetiam criar novos empregos. Mas é apenas em sectores da indústria que requerem alta qualificação e/ou estão sujeitos a proteção sindical que o crescimento de salários e empregos é sustentado: *“As chamadas fiandeiras finas... recebem efectivamente salários altos, de trinta a quarenta xelins por semana, porque têm uma associação poderosa para manter o salários*

elevado, e o seu ofício requer um longo treinamento; mas os fiandeiros grosseiros que têm de competir com os auto empregados (que ainda não estão adaptados à fiação fina), e cuja associação foi quebrada pela introdução dessas máquinas, recebem salários muito baixos” (Engels). Geralmente, porém, “o testemunho unânime dos operários é que os salários em geral foram reduzidos pela qualificação da maquinaria. A afirmação burguesa de que a condição da classe operária foi melhorada pelas máquinas é muito vigorosamente proclamada como falsidade em todas as reuniões de operários nos distritos fabris”.

Mecanização, robôs e automação reduzirão o tempo de trabalho. Isto deveria significar menos horas de trabalho, pois mais valores de uso são criados pelo trabalho em menos tempo. Mas sob o capitalismo, os valores de uso extra apenas entregam mais valor através da venda desses valores de uso e esse valor só é pago aos trabalhadores seja em menos horas, salários mais altos ou ambos através de uma luta de classes entre os proprietários do capital e a força de trabalho. Portanto, sob o capitalismo, a mecanização não leva "automaticamente" a menos horas e menos trabalho.

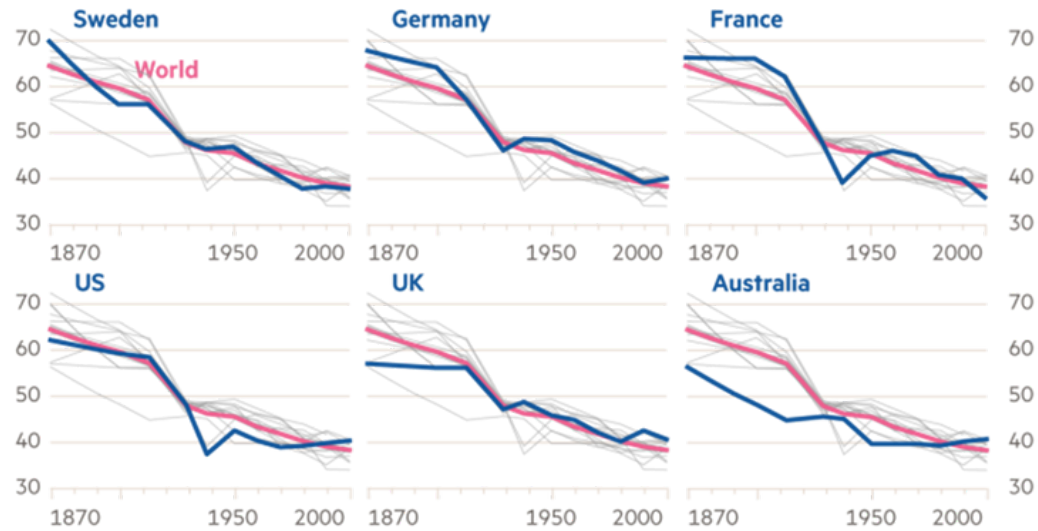
Num novo livro, [Work: a history of how we spend our time](#), James Suzman explica que, ao contrário das esperanças e previsões de alguns como Adam Smith ou John Maynard Keynes, a tecnologia não oferece uma “vida feliz” (Smith) ou “ lazer abundante ”(Keynes). Como o recentemente falecido (e que tanta falta faz) David Graeber mostrou, a mecanização sob o capitalismo realmente levou a mais 'empregos da treta' que destroem a criatividade e o trabalho significativo, enquanto aumentam o trabalho árduo.

Como a empresa Gallup mostrou numa sondagem recente sobre a vida profissional em 155 países, publicada em 2017, apenas um em cada 10 europeus ocidentais se descreveu como "comprometido" com o seu emprego. Em outra sondagem realizada pela YouGov em 2015, 37 por cento de trabalhadores britânicos adultos disseram que os seus empregos não representavam qualquer contributo significativo para o mundo.

É verdade que a jornada média de trabalho na maioria das economias capitalistas avançadas caiu desde o tempo de Engels, mas não por causa da mecanização, e sim pelas lutas sindicais para melhorar as condições e as lutas políticas sobre legislação do local de trabalho e pela redução da jornada de trabalho, etc. De facto, desde que os sindicatos foram dizimados na maioria dos países no final do século XX, houve pouca redução na semana de trabalho média (ainda pairando em cerca de 40 horas), apesar da aceleração dos robôs e da automação.

How working hours have changed since 1870

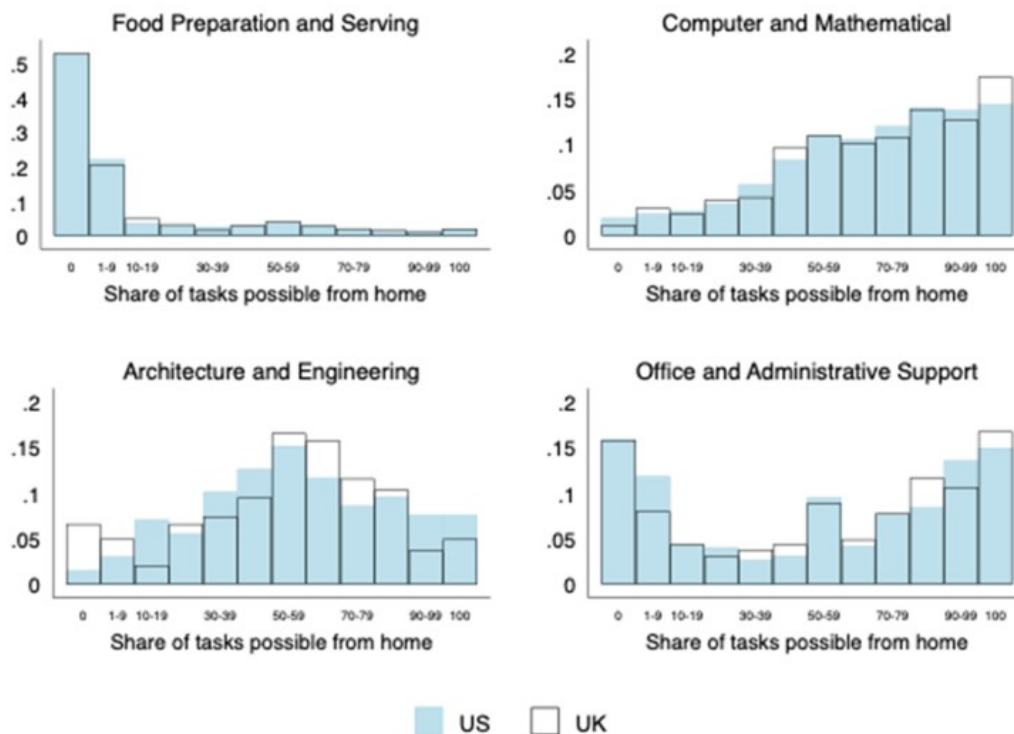
Weekly hours of work for full-time, non-agricultural workers, by country



2000 is an average of male/female data Other countries shown in grey include: Belgium, Denmark, France, Ireland, Italy, Netherlands, Spain, Switzerland, Canada
Source: 'Explorations in Economic History' by Michael Huberman and Chris Minns, 2007
© FT

Quando os sindicatos da Finlândia propuseram recentemente uma jornada de 6 horas, verbalmente apoiada pelo primeiro-ministro finlandês, a ideia foi encaminhada para um comitê devido à "resistência dos empregadores, que têm interesse em pagar (o mínimo possível) pelas horas trabalhadas, e não de acordo com a produtividade. Um dia de seis horas com pagamento por oito horas significa um salário por hora mais alto. Significa também uma perda de controle sobre os trabalhadores - não apenas em termos de uma parte menor de cada dia em que os empregadores controlam as actividades dos empregados, mas também através do reconhecimento implícito de que os trabalhadores devem ter mais a dizer sobre a organização da vida profissional." O sonho de Keynes de há quase 100 anos de uma semana de 15 horas ainda é apenas isso - um sonho.

A crise pandémica parece ser um novo catalisador para uma mudança nas condições de trabalho. 'Trabalhar a partir de casa' é o novo grito. Mas isso só se aplicará a uma minoria, principalmente aqueles que trabalham em escritórios mais bem pagos.



E não há garantia de que "trabalhar a partir de casa" aumentará a satisfação no trabalho ou tornará as pessoas "mais felizes", como Adam Smith esperava. Os empregadores já estão a desenvolver novos métodos de monitorização de funcionários nas suas casas e, de facto, a garantir que trabalhem ainda mais horas, uma vez que já não têm que se deslocar. E, para a grande maioria, trabalhar em empregos que não oferecem criatividade, pagam mal e são cada vez mais inseguros continuará sendo a norma. Mais labuta árdua, não menos trabalho.

Fonte: <https://thenextrecession.wordpress.com/2020/10/04/work-or-toil-in-the-pandemic/>